

ANTROPOLOGIA E TRADUÇÃO

Aluna: Ana Claudia de Oliveira Britto

Aluna: Julia Messina

Orientador: Valter Sinder

Introdução

A pesquisa tem como tema a “*Antropologia e Tradução*”. A idéia central é abordar o conceito de tradução, associando-o ao ofício do etnógrafo – sendo este um tradutor de culturas. Isso é viabilizado pelo contexto do pós-modernismo, que se caracteriza pela ruptura com as grandes narrativas – a partir de então, o mundo passa a ser percebido como fragmentado e descontínuo. A antropologia da tradução pode ser pensada por meio do questionamento dessas grandes narrativas.

Objetivos

A mudança de regime discursivo, ocorrida na era das grandes navegações, propiciou a transição nas políticas de verdade (da e na narrativa) – de maneira que novas regras de elaboração de enunciados passam a ser entendidas como verdadeiras. A ficção e a subjetividade foram relegadas ao campo do imaginário e do “incerto”, permitidos apenas na literatura. Ao mesmo tempo, a verdade passou a ser delimitada por conhecimentos objetivos, dignos da chamada “ciência moderna”.

Dessa forma, a estratégia de produção de verdade é modificada. De acordo com Sinder, aparece, “de um lado, a narrativa da verdade, o conhecimento positivo, o lugar do sujeito-cientista e, de outro, o discurso imaginário, o lugar da subjetividade do sujeito”[1]. A objetividade da narrativa se opõe à subjetividade do discurso – daí o nascimento do discurso ficcional, uma vez que a literatura passa a ser conhecida como a terra do não-verdadeiro, o oposto da verdade.

Desde 1970, a antropologia tornou-se uma disciplina mais ampla e interconectada. Duas correntes se destacaram neste momento: o marxismo e o feminismo, que introduziram na agenda antropológica os temas de gênero e poder. Neste momento, a teoria marxista é revisada, e são encontradas relações entre o ideacional e o material.

Antes, a antropologia lia as sociedades por meio da perspectiva marxista, reduzindo, assim, as especificidades de cada sociedade – uma vez que essa teoria refletia o ponto de vista específico das sociedades capitalistas. Já o feminismo contribui com a percepção de que o conhecimento antropológico é necessariamente posicionado, além de propiciar a abertura de novas áreas temáticas – entre elas, a antropologia do corpo, e os estudos de gênero e resistência entre grupos oprimidos.

Com a transição para a pós-modernidade (virada reflexiva), foi permitida a problematização de dois aspectos distintos do trabalho etnográfico – o que Geertz chama de “estar lá” e “estar aqui” [2].

O primeiro questiona a escrita etnográfica na cultura, no local que é etnografado – a capacidade do etnógrafo nos persuadir de que esteve lá. Se houvesse qualquer tipo de indagação acerca das grandes obras, esta seria motivo para causar mal estar entre os pensadores – que acusavam tal atitude de ser uma postura anti-antropológica. Assim, as grandes narrativas etnográficas eram percebidas como verdades porque eram produzidas por quem possuía credibilidade.

O segundo refere-se às dúvidas geradas a partir deste momento, com o chamado “declínio da confiança” – sendo o trabalho etnográfico, na atualidade, perfeitamente passível de questionamentos, e contrapondo-se à idéia das grandes narrativas enquanto verdades absolutas. De acordo com Geertz, “tornou cada vez mais difícil sustentar a afirmação do antropólogo de que ele é uma tribuna para os não-ouvidos, um representante dos não-ouvidos, um reconhecedor dos mal-interpretados” [2].

Outro passo importante para entender a relação entre antropologia e tradução foi ampliar as nossas perspectivas sobre a linguagem humana. Uma das abordagens estudada acredita que o ser humano é composto pela sobreposição das esferas biológica, social e psicológica. Esta foi uma versão válida na época, já que dissociava os diferentes campos que compunham a vida humana – especialmente num período em que a evolução biológica estava intrinsecamente relacionada à evolução social. Contudo, como o indivíduo é essencialmente incompleto, percebemos que essas esferas se constituem simultaneamente. A plena consideração da relevância destas constitui o que Mauss denominou “homem total”[3].

De acordo com Kroeber, enquanto a evolução orgânica está associada à hereditariedade, a evolução social nunca ou raramente está ligada aos agentes hereditários. O autor cita o exemplo da baleia e do ser humano para evidenciar tal diferenciação. Enquanto, no caso das baleias, o orgânico se adéqua ao meio ambiente, no ser humano essas modificações estão atreladas ao social e cultural, e não ao equipamento natural.

Isso é percebido por meio da desnaturalização dos hábitos, de forma que os costumes são entendidos como construídos socialmente, e não como dádivas naturais – sendo o ser humano condicionado por seus conhecimentos e crenças, e não determinado pelos mesmos. Mauss exemplifica isso com a seguinte observação: “A dança enlaçada é um produto da civilização moderna, da Europa. O que demonstra que coisas inteiramente naturais para nós são históricas”[3].

Outro ponto relevante é perceber que a linguagem humana é equívoca, ao contrário do que ocorre com os animais – que possuem uma comunicação estabelecida por códigos e sinais inequívocos, sem montagens simbólicas. Conseguimos estabelecer diálogos porque nossa linguagem é compartilhada (social), sistemática (lógica), além de ser uma prática inconsciente.

Como o ser humano é idiossincrático, imprevisível e multifacetado, a nossa comunicação não se esgota em poucos referenciais. Isso também pode ser relacionado às grandes narrativas, à pretensão falha de relacionar uma única narrativa universal à linguagem humana.

Metodologia

Leitura e análise de teorias da tradução desenvolvidas nas áreas de Letras e de Antropologia.

Considerações finais

É necessário pensar a cultura enquanto uma “invenção”, e não um objeto, de forma que podemos interpretá-la, ao mesmo tempo em que a inventamos – criando as nossas experiências e a de outros. Ao estudar as sociedades, os antropólogos inventam culturas – sendo evidenciado o seu caráter ficcional. Diante disso, para que os atos das pessoas, da sociedade estudada, possam ter coerência, faz-se necessário a “invenção” da cultura – possibilitando a inteligibilidade das práticas do grupo.

De acordo com Gonçalves, “o reconhecimento ou não desse caráter ficcional da cultura vai afetar o modo como se concebe a etnografia, um modalidade de produção intelectual fundamental na identidade da disciplina. (...) Esta deixa de ser apenas uma coleta de dados

que viriam alimentar uma reflexão teórica e definiria o próprio modo de reflexão antropológica, onde a teoria aparece embutida na pesquisa etnográfica”[4].

Daí a importância de levar em consideração, no trabalho antropológico contemporâneo, tanto a contribuição explicativa de Lévi-Strauss quanto a vertente compreensiva de Clifford Geertz. A primeira ressalta a importância dos sistemas e códigos, entendendo que o texto deve ser decodificado, e que “a significação é o produto dos termos entre si”[5]. Já a segunda enfatiza a teia de significados existente nas diferentes culturas, de forma que a interpretação feita não está acima do que é interpretado, mas acontece simultaneamente com o mesmo.

É evidenciada a complementaridade de idéias entre a explicação e a compreensão de determinada sociedade. Apesar da complexidade dessa abordagem, ela permite um estudo mais abrangente e, ao mesmo tempo, cuidadoso – uma vez que, além da visão do etnógrafo, também são respeitados outros aspectos igualmente relevantes, como as relações existentes na própria cultura – sendo esta tradução de culturas a mais adequada.

Assim sendo, por meio da pesquisa, vemos que a linguagem não pode ser percebida como transparente e, a partir disso, entendemos os impasses vivenciados pelo tradutor. O importante seria lidar com o desafio de dar voz ao outro, ao mesmo tempo em que é necessário agregar esforço próprio para fazer uma boa tradução. Essa se caracteriza pelo reconhecimento pleno da alteridade, sendo diretamente associada à liberdade subjetiva do tradutor. Mais importante do que a tradução literal é aquela que respeita e evidencia o sentido do texto – não pela repetição da estrutura, mas pela transmissão das idéias.

Referências

- [1] SINDER, Valter. **Configurações da narrativa**. Madri, Iberoamericana, 2002.
- [2] GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- [3] MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU: Ed. da Universidade de São Paulo, 1974. 2ºv
- [4] GONÇALVES, José Reginaldo. Obsessão pela Cultura. In: PAIVA, Márcia e MOREIRA, Maria Ester (Org.). **Cultura, Substantivo Plural**. Rio de Janeiro - CCBB, Letras, 1996.
- [5] AZZAN JUNIOR, Celso. **Antropologia e interpretação: explicação e compreensão nas antropologias de Levi-Strauss e Geertz**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993

BIBLIOGRAFIA

AZZAN JUNIOR, Celso. **Antropologia e interpretação**: explicação e compreensão nas antropologias de Levi-Strauss e Geertz. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

BENVENISTE, Emile. **Problemas de lingüística geral**. São Paulo: Ed. Nacional. Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

DA MATTA, Roberto. O Ofício do Etnólogo, ou como Ter Anthropological Blues. In: NUNES, Edson (org.). **Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ERIKSEN, Thomas Hylland e NIELSEN, Finn Sivert. **História da Antropologia**. São Paulo: Vozes, 2007.

GEERTZ, Clifford. **Obras e Vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

GONÇALVES, José Reginaldo. Obsessão pela Cultura. In: PAIVA, Márcia e MOREIRA, Maria Ester (Org.). **Cultura, Substantivo Plural**. Rio de Janeiro - CCBB, Letras, 1996.

LAGES, Susana Kampff. **Walter Benjamin - Tradução e Melancolia**. São Paulo: EdUSP, 2002.

MAUSS, Marcel; LÉVI-STRAUSS, Claude. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU: Ed. da Universidade de São Paulo, 1974. 2ºv

SINDER, Valter. **Configurações da Narrativa**. Madri: Iberoamericana, 2002.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: Nunes, Edson (org.). **Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.